

Entrevista de vida

Mário de Carvalho. Cresceu numa família com dinheiro, mas esteve preso durante o regime de Salazar, tal como o seu pai. O escritor de 68 anos ainda hoje tem dificuldade em dormir e olha sempre para trás quando vai na rua. **Por Ricardo Dias Felner**

“ESTIVE SOB TORTURA DO SONO DURANTE 11 DIAS”

Embora já tenha deixado de exercer advocacia, Mário de Carvalho continua a marcar as entrevistas para o seu escritório, perto da Praça do Chile. Um pequeno rádio sintonizado na Antena 2 toca música clássica e nas paredes há estantes com dezenas de livros, de Aquilino Ribeiro a autores norte-americanos, como Norman Mailer, boa parte comprados por menos de €2,50, num *cash converter* perto. Acaba de lançar mais um livro, *O Varandim Seguido de Ocaso em Carvangel*, pela Porto Editora. Durante quase três horas, falou sobre a infância e as relações com Basílio Horta, José Saramago e Álvaro Cunhal.

Lembra-se das primeiras coisas que escreveu?

Escrevi um poema muito aplaudido, lá em casa, pela família. Foi o primeiro e o último.

Era sobre o quê?

Em miúdo, um dos meus heróis era o Carvalho Araújo, tenente português que resistiu, com sacrifício da vida, a um submarino alemão da I Guerra Mundial, para defender o

seu navio. Fiz uma quadra em que Carvalho Araújo rimava com “esse grande marujo”.

Porque é que o puseram no ensino particular?

O ensino público, naquela altura, até era melhor. Mas a minha mãe entendeu que talvez fosse melhor preservar-me de algumas companhias de rua. E acho que fez mal...

Porquê?

Acho que a escola da rua faz falta.

Mas era um colégio de betinhos?

Não. Mas era um colégio de pessoas que tinham pretensões e estatuto social superior.

Perdeu alguma aptidão social por causa disso?

Olhe... talvez tivesse ficado a saber mais sobre futebol, talvez tivesse ficado a jogar melhor futebol. Mais tarde joguei hóquei.

O seu pai era um comerciante próspero?

Era, representava fábricas junto do comércio do retalho. Recordo-me de a minha mãe ficar bastante surpreendida quando conseguiu descobrir quanto é que ele ganhava.

Quanto?

Estamos a falar de muito dinheiro para o nível médio daquela altura.

E não se apercebia disso?

É curioso: não. Tínhamos uma vida modesta. O nosso luxo era o carro, que mudava com alguma frequência. Notava isso quando íamos ao Alentejo. Em 1951, havia um único carro em Alvalade Sado, uma espécie de modelo T, aqueles Ford. O outro era o nosso.

Estando o seu pai bem na vida, o que o fez lutar contra o regime de Salazar?

O meu pai foi preso... Foi um dos grandes abalos da minha vida.

Que idade tinha?

Quinze anos. Foi uma perturbação forte. Isso revelou-se até nas notas da escola. Ele era o sustento da casa, a minha mãe era doméstica.

Sabia a razão da sua prisão?

Sabia que ele era da oposição. O meu pai tinha participado na campanha de Humberto Delgado. E apercebia-me de que ele às vezes mudava de imagem para se dissimular da polícia, com óculos escuros ou chapéu.

Foi vê-lo à prisão?

Várias vezes. Era duro. O meu pai foi sujeito



O escritor
fotografado em
Setúbal, aos
2 anos



1945
Mário de Carvalho com 1 ano, em Setúbal



1950
O escritor com a mãe, na Rua Feio Terenas, em Lisboa, onde a família morava



1954
Com 9 anos. Teve uma infância desafogada até o pai ser preso pela PIDE



1959
O escritor com o pai, no Alentejo, onde a família tinha as suas raízes

► à tortura do sono, uma coisa angustiante. Eu também passei por isso, mais tarde.

Em que consistia essa tortura?

No meu caso, prolongou-se por 11 dias, em três períodos: um de três dias e três noites, outro de seis, outro de dois. Mantinham-me acordado batendo com força com os punhos na mesa. Se desfalecia e caía, chamavam outros agentes e andavam comigo de um lado para o outro. Tiravam-me a cadeira para não me poder sentar, a ponto de sentir os pés inchados, de procurar encostar-me a qualquer coisa, como um pequeno radiador junto à parede. Estive de pé mais de um dia.

Ficou marcado com as perseguições que sofreu?

Houve coisas que ficaram. Parece-me que alguma dificuldade em dormir tem que ver com esses tempos de tortura do sono. Em segundo lugar, entro num sítio e, antes de ser visto, sei quem lá está. Houve uma altura em que sabia – não de cor, mas sabia – as matrículas dos carros estacionados na minha rua. E sabia sempre quem vinha atrás de mim. Ainda hoje tenho esse reflexo. Outros tiques duraram pouco tempo. Quando saí da cadeia, os meus sogros organizaram um jantar. Primeiro cortei a carne aos bocadinhos e depois passei a faca a quem estava à minha direita. Na prisão éramos oito e havia só uma faca.

O seu pai voltou a ter uma vida normal?

Voltou. Depois dedicou-se ao comércio de bandeiras... Se eu não fosse escritor, o meu amigo estaria a falar com o magnata das bandeiras [risos].

Há um mercado de bandeiras?

Um mercado espantoso. De cada vez que um navio é equipado há uma série de jogos de bandeiras. Todas as câmaras municipais e juntas de freguesia têm bandeiras [risos]. É um mundo.

Voltando atrás, a sua primeira relação com a polícia aconteceu logo na adolescência.

Foi um episódio caricato. Tinha uns 15 anos. O Castelo de S. Jorge era vigiado pela Legião Portuguesa, uma vadiagem a quem davam uma farda. E havia uma amiga, inglesa, a quem estava a mostrar o castelo. A dada altura, um fulano aproxima-se e pergunta: "Oiça lá, o senhor é intrépido oficial?", assim mesmo, "intrépido". Eu nunca tinha ouvido falar naquilo. Pegou em nós e levou-nos para



RAUL C. ANTUNES

o posto de comando dele dos legionários. O chefe foi mais sensato e deixou-nos ir.

Foi colega de Basílio Horta no Liceu Camões...

De Basílio Horta e não só. Do João Aguiar [escritor], do António Vítor Monteiro [ex-ministro dos Negócios Estrangeiros], do

Eduardo Prado Coelho [escritor], do Mário Assis Ferreira, do Casino Estoril...

Havia muita competição?

Não. Havia choques e uma tensão grande entre um grupo nazi – nazi mesmo, dos que, se pudessem, usavam braçadeira – e dois judeus.

Eram conhecidos esses nazis?

Prefiro não dizer os nomes. Um deles era filho de um quadro superior da PIDE. Posso dizer que o Basílio Horta não era nazi. Aliás, chegou a ser convidado e ficou furioso. Não era aquilo que lhe interessava.

Mas já era um homem conservador?

Era ligado a famílias do regime, mas não era agressivo. Não era um fulano que provocasse. Era muito bom aluno e muito estudioso. Recordo-me que ele estava próximo do Prado Coelho, lá ao fundo. Tinha sempre uma grande vontade de levantar o dedo e falar.

Quais foram as suas primeiras funções no PCP?

Tiravam-me a cadeira para eu não me poder sentar, a ponto de sentir os pés inchados. Estive de pé mais de um dia

Fazia parte do organismo que dirigia o sector estudantil do partido. Em 1965 ou 1966.

Foi aí que conheceu José Saramago?

Não, só o conheci depois do 25 de Abril.

Que recordação tem dele?

A primeira vez que o encontrei, ele trabalhava numa empresa de publicidade. Fui ter com ele para combinarmos a construção da célula de escritores comunistas. Recordo-me depois de ir a casa dele, na Rua das Madres, na Madragoa. Lembro-me da sua ironia. Uma vez, naquelas noites tumultuosas, depois do 25 de Abril, ele disse, com graça: “Estou com cara de revolucionário insone.” Ele tinha uma necessidade constante de falar. Fosse em que tipo de reunião fosse. Era mais forte do que ele. O seu português falado era impecável.

Dava-se bem com Álvaro Cunhal?

[Pausa] Vamos lá ver como é que eu lhe digo isto, de forma apropriada. Tinha uma grande admiração por ele. Era um homem que tinha aspectos heróicos, invulgares. E foi a pessoa mais controlada que conheci até agora.

Encontrou-se a sós com ele?

Tivemos duas conversas longas, fundas. Além de termos participado numa reunião um bocadinho agitada...

Foi quando saiu do PCP?

Não, antes, em 1974, 1975. O Cunhal gostava de ouvir as pessoas, mas não gostava de perder discussões. Nunca perdia discussões.

Conseguiu convencê-lo dos seus pontos de vista?

Não... [silêncio prolongado] Recordo-me de lhe dizer muito claramente que não acreditava no papel dirigente da classe operária. Nem do ponto de vista da classe operária – era mais isto. E de ele me perguntar: “Tu achas que o mundo se vê melhor de uma janela da Avenida de Roma?”

Era uma indirecta para si?

Talvez fosse. O Cunhal não dizia nada sem ser medido.

Quais foram os maiores erros de Cunhal?

O jornal *O Diário – A Verdade a que Temos Direito* não foi prestigiante para as posições do partido sobre a liberdade de imprensa. Era excessivamente conotado com o partido.

A liberdade de expressão era a sua maior batalha?

Era uma delas. A outra coisa em que acho que o Cunhal errou foi na falta de distância crítica em relação à União Soviética.

Fala com Jerónimo de Sousa?

Tenho uma grande admiração por ele como pessoa. Foi muito correcto quando o meu pai morreu. Não esqueço essa solidariedade.

Avançando para outra fase da sua vida, deu-se bem com a advocacia?

Razoavelmente. Mas aqui no escritório há ►

1962

Na Faculdade de Direito de Lisboa, onde estudou



1971

O retrato do escritor quando esteve a cumprir o serviço militar



1973

A caderneta de liberdade condicional, quando foi preso pela PIDE

1979

Sempre trabalhou à noite. Tem o hábito de escrever até às 5h da manhã



2007

O escritor na Festa Literária Internacional de Paraty, no Brasil

uma advocacia de causas. Fui advogado sindical durante muitos anos, da associação dos inquilinos e também generalista.

Recusou defender alguém?

Não, toda a gente tem direito a defesa.

Mesmo um capitalista contra um trabalhador?

Absolutamente. Desde que não haja uma incompatibilidade legal.

Podia viver só da escrita?

Deixe-me ver, deixe-me ver... Hmmmm, não. Viveria com alguma dificuldade. Prefiro não viver só da escrita.

Continua a escrever de madrugada?

Sim, a partir da 1h30, 2h. Às vezes até às 5h. Mantenho um ritmo, esforço-me por escrever 1.500, dois mil caracteres por dia.

Assumiu que não passava sem as redes sociais e que até gostava da Wikipédia.

A Wikipédia tem defeitos, nomeadamente a Wikipédia em português, a que nunca recorro. Mas veja a diferença que há entre

ler Guerra e Paz com

a Wikipédia. Sabendo quem são todos

aqueles generais e

como foram aque-

las batalhas, a leitu-

ra é muito mais en-

riquecedora.

Já viu o seu perfil na

Wikipédia?

Já, com certeza.

E estava perfeito?

Ou teve de lhe mexer?

Acho que bate certo.

Há a tentação de se mexer numa coisa dessas?

Há, mas o autor nem sempre é o melhor juiz.

E o que acha do livro electrónico

O Umberto Eco diz que o livro é mais ergo-

nómico. É o chamado *wishful thinking*. Pare-

ce-me perfeitamente aceitável. É o que se vai

dar agora ao meu neto.

É um avô babado?

Não, de todo...

Que avô é?

Sou um avô relativamente severo. Nunca dei-

xo de chamar a atenção para aquilo que me

parece ser uma falha ou um disparate.

Esta juventude faz mais...

Esta juventude tem sobretudo mais coisas. E

os pais não se contêm enquanto não lhes dão

tudo o que eles querem. É uma coisa espanta-

da a quantidade de coisas que os meus ne-

tos têm e nem sabem, às vezes, que as têm.

As suas duas filhas estão ligadas à escrita, uma é

jornalista, outra é escritora e crítica literária. Elas

dão-lhe os textos para rever?

Às vezes.

É muito duro na revisão?

Sou. Às vezes até rabugento. Não facilito nada.

Viveu durante anos na Suécia, quando esteve exi-

lado. Arrepende-se de ter voltado para Portugal?

Tenho uma dívida de gratidão com a Suécia.

E gosto dos países que funcionam. Mas esta

é a minha terra e a minha gente.

Sei que não gosta de viajar. Porquê?

Vejo-me sempre perdido no aeroporto, a

olhar para um placard e sem a certeza de

conseguir decifrar aquilo, sem a certeza

de conseguir apanhar o avião a horas. Fico

profundamente ansioso. Não gosto de

aviões. Só me sinto tranquilo na TAP, que

parece que vai acabar – ou seja, mesmo

essa tranquilidade deixarei de ter. Não

gosto da descolagem, não gosto da ater-

ragem, não gosto da turbulência, de ir

apertado no avião.

Também não gosta de surpresas...

De más surpresas, não; de boas, enfim. Nem

gosto de improvisa-

ções. A improvisa-

ção é boa para os

rouxinóis.

No seu último livro, há

pouca improvisação. O

que é que ele represen-

ta, na sua carreira?

A minha fase austro-

húngara. Com ecos

da opereta e da ban-

da desenhada.

Há também dois filhos

que nada têm que ver

com o pai, Zoltan Tremlich?

Têm concepções de vida diferentes. São pra-

ticamente estranhos uns para os outros.

Aquele pai sente-se, de certa maneira, cerca-

do e oprimido pelo ambiente que tem em

casa. Ele quer o melhor possível para os filhos,

e isso é comum a todos os pais. Mas sente

que eles lhe escapam. Fazem parte de um

mundo para o qual não os preparou.

É conhecido por ser dos escritores contemporâ-

neos que usam um vocabulário mais difícil...

Não é verdade. Protesto! O vocabulário que

utilizo está ao alcance de qualquer pessoa

medianamente culta.

Os leitores é que não são medianamente cultos?

Pois, mas isso é um problema que não pos-

so resolver. Isso tem que ver com o ensi-

no e com a carga das televisões, que tem

estreitado o vocabulário. Estou a fazer o

meu ofício. Quando leio Aquilino Ribeiro

também não percebo tudo. E gosto imen-

so dele. Ler também é um exercício de

aprendizagem. •

Quando leio Aquilino Ribeiro não percebo tudo. E gosto imenso dele. Ler é um exercício de aprendizagem